

Marcos Sacramento
ousa em seu mais
novo trabalho



PÁGINA 3

Conheça 17 chefs
brasileiros em lista
internacional



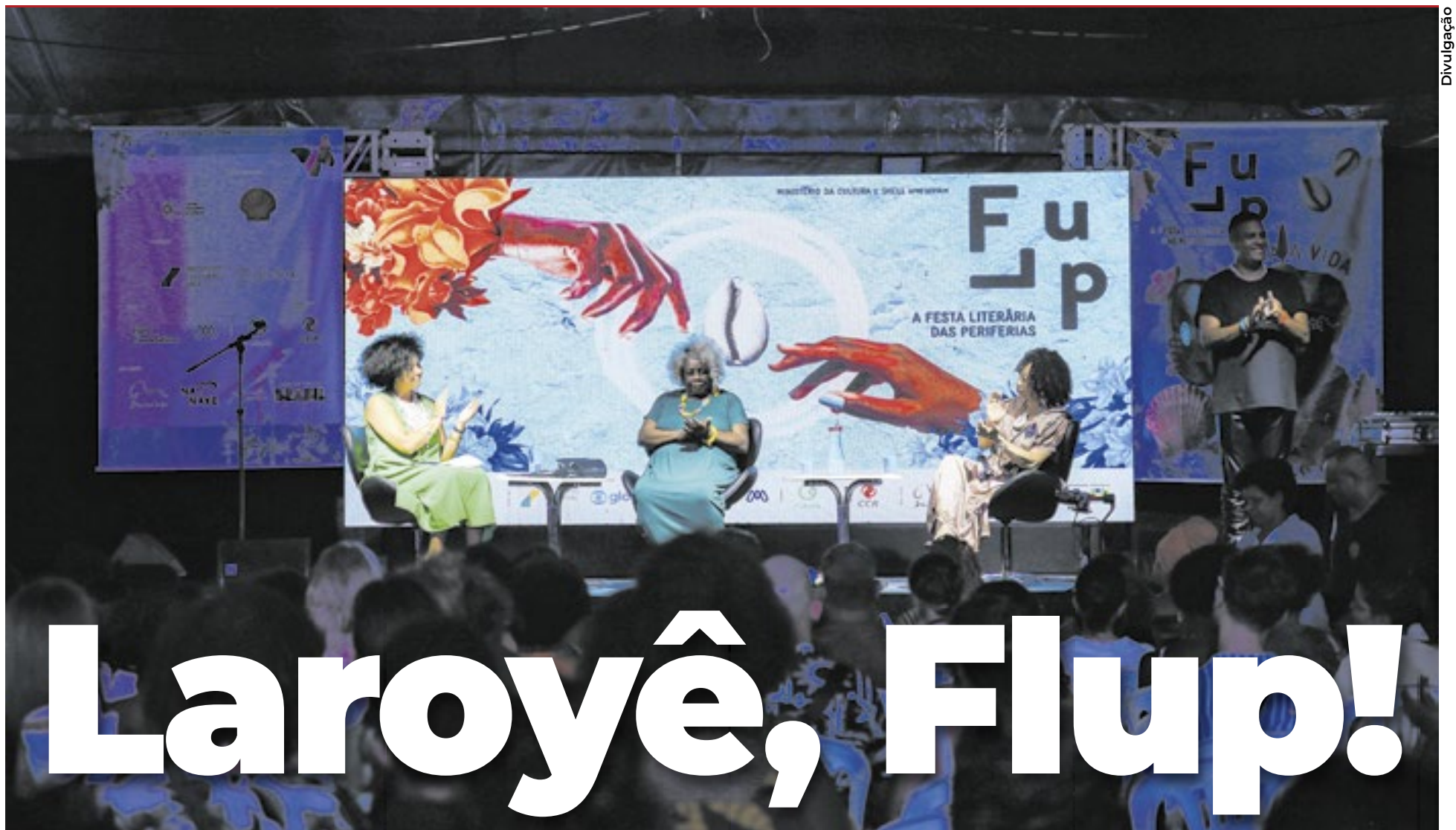
PÁGINA 6

Autora infantil
lança nova série
com quatro títulos



PÁGINA 8

2º CADERNO



Divulgação

Laroyê, Flup!

A força feminina das populações pretas brasileiras, com divas das Letras como Conceição Evaristo, é um dos focos da Festa Flup

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Mãe Janayna Lázaro, matriarca da Casa da Palha, em São Cristóvão, abriu os caminhos de Julio Luedemir, romancista pernambucano respeitado por livros como “O Bandido da Chacrete”, em seu projeto de realizar a edição de 14 anos da Festa Literária das Periferias, a Flup, na Lapa, sob os auspícios de Seu Zé Pilintra.

Antes de tirar a ideia do papel, ele bateu cabeça no terreiro dela, em busca de bênção, e saiu de lá com apoio de pombajira para seu projeto de inclusão pela arte, que se materializa a partir desta segunda-feira, quando o evento começa no coração

Sob as bênçãos dos orixás, a Festa Literária das Periferias abre a jira de sua 14ª edição tendo a Lapa como arena geopolítica para debater ancestralidade e o fim do ranço colonial

do Centro carioca.

Sua micareta estética (e geopolítica) se espalha pelo Circo Voador, pela Casa de Luzia e pelo Santuário de Seu Zé, ali coladinho aos Arcos, onde tudo será inaugurado com uma revoada de balões, às 12h desta segunda-feira (11). Entre as boas deste primeiro dia, destaque: a) a conversa “O Que Queremos Pra Ontem?”, às 17h30, com Jurema Werneck, Anielle Franco, Neon Cunha e Maria Eduarda Nascimento; b) o papo entre Mc Andrea Bak, Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro, às 19h40; e c) o show de Lia de Itamaracá, às 21h50. Nesta terça, às 19h30, Cidinha da Silva e Teresa Cárdenas conversam, sob mediação de Angélica Ferrarez, a fim de refletir sobre literaturas das encruzilhadas.

Continua na página seguinte

Um evento multilinguagens

Divulgação



A Flup chega à 14.^a edição mobilizando multidões em sua programação multicultural

No cardápio arquitetado por Ludemir, que segue até domingo, rolam atrações imperdíveis como o show “Pérolas Negras”, com Alaide Costa, Zezé Motta e Eliana Pittman, nesta quinta, às 21h30. No sábado, às 17h, o ator e diretor francês Jacques Martial vai passar pela Festa para uma ação performática inspirada no mítico poema “Diário Do Retorno Ao País Natal”, escrito pelo martinicano Aimé Césaire (1913-2008) cujos versos são considerados um monumento lírico da cultura da diáspora das Áfricas e ganham carga sinestética eletrizante no filtro da voz e da movimentação de Martial, que se identifica com a crise migratória cantado por Césaire.

“É importante apresentar Aimé Césaire no Brasil porque ele promove o orgulho negro, algo fundamental nos dias de hoje”, disse Martial ao Correio da Manhã.

Além dele, vai ter gente do mundo todo se expressando nessa maratona cultural, que reúne prosa, poesia, música, ensaio teórico e manifestações religiosas de matrizes africanas em reflexões sobre ancestralidades e combates ao ranço do colonialismo. A anglo-nigeriana Bernardine Evaristo, que vem lançar “Sr. Loverman”, é uma das estrelas estrangeiras da deleção estrangeira da Festa em 2024. Outra sensação vinda do exterior é a equatoriana Yuliana Ortiz Ruano, que traz o romance “Febre de Carnaval” ao Rio.

Ao longo de 12 anos de Flup, 200 mil pessoas já prestigiaram suas bossas, curtindo palestras, rodas de samba, saraus, apresentações de passinho, embates de slam, shows de hip-hop, performances teatrais e jiras, que já mobilizaram poetas de 60 países. Por suas fileiras passaram 1.350 escritoras/es de renome e delas foram gerados 30 livros, entre eles “La royê; Cartas Para Exu”, que será lançado no dia 16, às 17h, na Casa de Luzia. Como incubadora de talentos, a Festa formou cerca de 200 roteiristas em seu Laboratório de Narrativas Negras, que recebeu gigantes do cinema como Laurent Cantet, ganhador da Palma de Ouro de 2008 por “Entre os Muros da Escola”.

Já teve Flup no Morro dos Prazeres, em Vigário Geral, na Mangueira, na Babilônia, no Vidigal, na Cidade de Deus, na Maré, na Biblioteca Parque, no MAR e na Providência. Agora, é a vez da turma lapeira ouvir, falar, cantar, ler e celebrar com seu Povo de Rua.

A programação completa da Flup pode ser conferida no site do Correio através do link <https://acesse.dev/UDCbh>

ENTREVISTA / JÚLIO LUDEMIR, ESCRITOR E ORGANIZADOR DA FLUP

‘A gente quer redesenhar a palavra ‘periferia’ em toda a sua potência’

Uma das vozes de maior impacto na literatura de investigação do crime no Brasil dos 2000, catapultado ao estrelato com “No Coração do Comando”, o olindense radicado no Rio Julio Ludemir reinventou-se como um produtor de eventos ao criar a FLUP em duo com Écio Salles (1969-2019). Não abandonou as reflexões da escrita, a partir das quais gerou livros preciosos como “Rim Por Rim”, mas passou a se debruçar mais e mais à triagem e ao estudo das ações de decolonização. Na entrevista a seguir, ele explica o que muda em seu festival com a ida para a coração geográfico do Povo de Rua na cidade.

Divulgação

O que a Lapa simboliza culturalmente para a FLUP 2024?

Julio Ludemir: Foi uma escolha territorial em função das ações do G20, no Museu de Arte Moderna, a fim de fazer com que os líderes mundiais todos lá presentes prestem atenção às vozes que estamos reunindo. Se eles não reconhecerem a relevância das mulheres pretas, das populações indígenas e da comunidade queer, nada do que vão dizer há de atender o mundo contemporâneo e suas urgências. A Lapa é um lugar que recebe todo mundo.

Você morou na Lapa?

Vivi lá na década de 1990, numa Lapa que era dos malandros, das travestias, de casas abandonadas, bem diferente da cena de hoje. Era uma época em eu que ligava para a família, em Pernambuco, de um orelhão de fichas e, quando demorava muito, alguém na fila me ameaçava, dizendo: “Vou chamar um malandro para te tirar da”.



Essa Lapa “noventista” ou a Lapa de hoje, ou mesmo a mais ancestral, estão na literatura?

O grande livro sobre ela é “Lábios Que Beije”, do Aguinaldo Silva, um autor nordestino queer que pensou a cidade. Fora isso, a Lapa ganhou o samba, que a devolveu a seu lugar e origem, mas ela não ganhou a literatura contemporânea como deveria. Não há um

“Cidade de Deus” da Lapa. Nem a Lapa da classe média foi para a literatura.

Em 12 anos, o que mais mudou na Flup?

Quando a Festa Literária das Periferias nasceu, ela foi entendida como projeto social, como um gesto que, no máximo, identificava quem eram as vozes autorais periféricas. A gente era visto pela classe média como “ação social que dava oportunidade aos ferrados do mundo”. Pouco a pouco, com muito empenho e com escuta, viramos um festival multimídia e multiplataforma. Nossa musculatura foi torneada para ocupar outro imaginário na cidade, no país e do mundo, criando para si um lugar de fala para os combates decoloniais. A FLUP é das mulheres, é das populações pretas, de indígenas, da macumba. É com essas representações que a gente quer redesenhar a palavra “periferia” em toda a sua potência.

Você tem origem judia, ou seja, é ligado ao povo de uma das maiores diásporas da História. O que existe de diaspórico na Flup?

Seguimos o conceito de Atlântico da (ativista e pesquisadora) Beatriz Nascimento, segundo o qual o mundo ganhou identidade a partir das águas, sem fronteira. É um mundo Oxum.

O arco que atira canções

Marcos Sacramento reafirma seu talento e versatidade em 'Arco', álbum em se deixa levar por novas estéticas

Por Affonso Nunes

Se a canção é flecha que atinge nossas emoções há que se ter um arco para lançá-las ao vento. "Arco" (Biscoito Fino) é o nome do novo álbum de Marcos Sacramento, um patrimônio da música carioca. Intérprete versátil, ele celebra 40 anos de carreira entre releituras e seis faixas autorais - em parceria e voos solo.

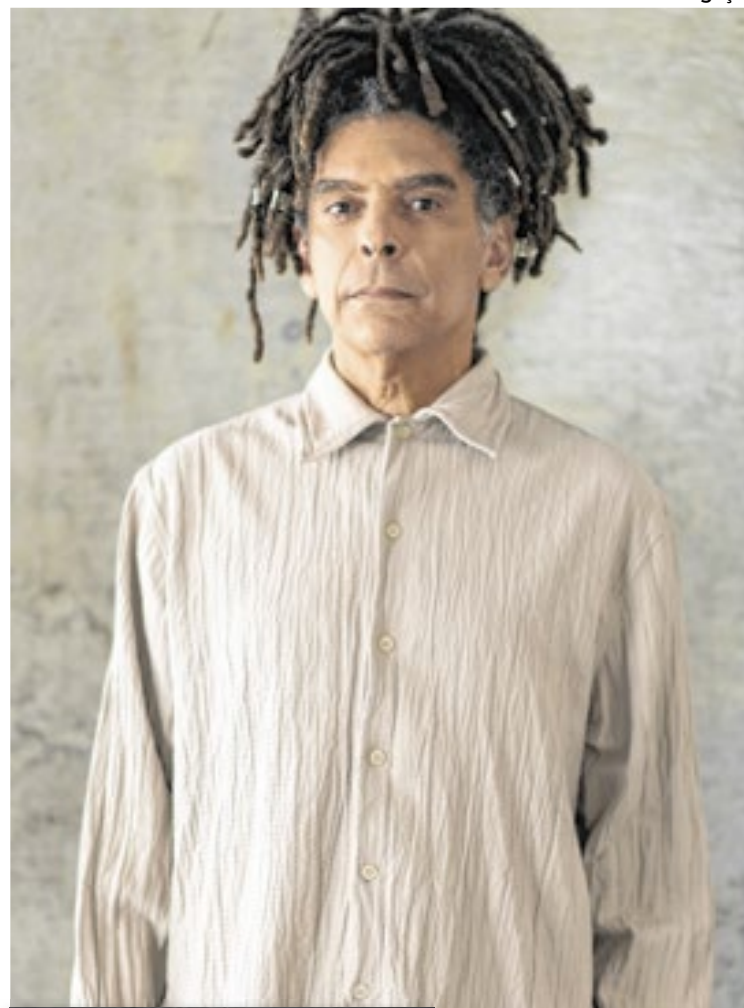
Com produção musical de Elísio Freitas, que vem assinando ótimos trabalhos nos últimos anos, e direção artística de Phil Baptiste, o disco propõe um passeio sobre a carreira de Sacramento e, ao mesmo tempo, aponta novos caminhos. Antigos parceiros, como Paulo Baiano e Luiz Flávio Alcofra, assinam com Sacramento algumas canções; Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo estreiam parceria, enquanto Josyara (cantora e compositora baiana) e Zé Ibarra (compositor e cantor carioca) dividem os vocais nas faixas "Bahia-Rio" e a cauzuziana "Todo o Amor que Houver Nessa Vida", respectivamente.

"Depois de 40 anos de carreira, quis fazer diferente, me jogar em algo que eu não dominava completamente. Quis juntar forças, conhecimentos e estéticas com artistas com os quais não tinha trabalhado ainda. Deleguei um pouco mais e me deixei ser surpreendido. Acho, também, que só consegui por estar

cada vez mais seguro com meu fazer artístico. O resultado me deixou muito feliz, estou inteiro ali. Acho que o público que me acompanha não só me reconhecerá, como me verá a partir de uma outra perspectiva", pontua Sacramento.

O momento do artista se reflete em alguns ineditismos: é a primeira vez que ele grava em uma língua estrangeira. A efusiva interpretação gravação de "Tonada de Luna Llena", do venezuelano Simon Díaz, reitera Marcos como um intérprete universal e atemporal. É a primeira vez também que o artista grava uma canção à capella. Letra e melodia de "Xangô", samba-enredo de 2019 do Salgueiro, são escancarados ao ouvinte, sem a massa rítmica que originalmente a acompanha, apenas com as dobras da voz ocupando diferentes camadas e frequências. Nela, Sacramento presta homenagem à sua Escola de Samba do coração e se conecta fortemente à cultura afro-brasileira.

Em "Para Frido", pela primeira vez, Marcos Sacramento direciona os versos de uma canção para alguém: neste caso para Frido, grande amor do artista. Não que Marcos tenha tido qualquer questão com a sua sexualidade, mas em um disco como Arco, cabia uma declaração mais escancarada. É o arco-íris do disco. "Todo o Amor Que Houver Nessa Vida", da dupla Cazuzza/Frejat, aparece no disco como uma novidade no repertório



Divulgação



Marcos Sacramento comora 40 anos de carreira com um álbum em que a ousadia é a marca registrada: o artista canta à capella, grava faixa em espanhol e se aventura num clássico do pop rock nacional

de Sacramento, ainda mais por conta da participação de Zé Ibarra dividindo os vocais com Zé Ibarra (integrante do grupo Bala Desejo e da banda da última turnê de Milton Nascimento). Contemporâneo de Cazuzza, Marcos se considera um sobrevivente da década de 1980. Regravar a música, sugerida pelo diretor artístico Phil Baptiste, é uma forma de olhar para aquela época de maneira mais tranquila, recontextualizando a letra de Cazuzza.

Phil Baptiste, diretor artístico e empresário de Sacramento, detalha o conceito do álbum: "Tudo partiu da vontade de Marcos de fazer um disco sobre esse momento de sua carreira e de sua vida. Me veio à ca-

beça a palavra arco, que está dentro da palavra Marcos, e logo depois as frases 'eu arco, eu, arco'. Ou seja, arco como verbo, como ação, e arco como qualidade (nesse caso, como algo que pode ser uma conexão, uma ponte, um arco-íris, um arco da Lapa, um arco e flecha). A escolha do repertório, e praticamente todo o direcionamento estético, como a capa do disco e o roteiro dos clipes, passam por esse conceito".

O disco ainda tem parceria inédita de Sacramento com a dupla Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. Todas as três canções foram compostas por Marcos Sacramento, com parceiros. Thiago Amud, arranjador de "Para Frido", também

é cantado no disco. "Graça" é uma canção de esperança que deu forças a Sacramento no período da pandemia. Além da reverência ao autor, Marcos engrossa o coro de esperança: "a canção não vai morrer". O samba, gênero fundamental na trajetória de Sacramento, apesar de não ser majoritário no disco, tem grande destaque. "Voltei", samba de Baden Powell e Paulo César Pinheiro, abriu os trabalhos do disco e integra a trajetória de Marcos a partir da figura do duo queer "Les Étoiles", enorme sucesso na Europa nos anos 70/80 e grande referência para Sacramento.

"Jesus é Preto" é a primeira canção do álbum e também será acompanhada de um videoclipe. A canção-crônica composta em parceria com Paulo Baiano conta com suavidade e ironia um acontecimento biográfico que se passou com Sacramento na década de 1980, quando o consumo exagerado de álcool e substâncias ilícitas acompanhavam - e atrapalhavam - sua carreira.

Os arranjos de Elísio Freitas remetem aos sambas com baixo e bateria dos discos de Elis Regina do início dos anos 1970. A cantora é a maior influência artística de Sacramento, ao lado do jazz e da música latino americana de artistas como Susana Baca, Norah Jones e Tom Waits, bem como a música brasileira contemporânea.

Com bases gravadas ao vivo, o álbum segue um coeso fio musical costurado pela banda conduzida por Elísio Freitas, formada por Kassin (baixo), Marcelo Galter (piano), Marcelo Costa (bateria e percussão), Estevan Barbosa (bateria), Netinho Albuquerque (percussão), Luiz Flávio Alcofra (violão) e o próprio Elísio Freitas (guitarra). O disco ainda ganhou contribuições luxuosas de Domenico Lancellotti (drum machine), Ivo Senra (sintetizador), Marcelo Cebukin (sopros), Leonardo Dias (percussões), Eversson Moraes (sopros), Aquiles Moraes (sopros) e Yuri Villar (sopros).

O álbum termina com um mantra autoral que sintetiza o discurso de Marcos Sacramento: "Ar pra respirar / Arco da Lapa / Arco-íris / Arco e flecha / do Orixá com a gente".

Existirmos, a que será que se destina...

Patrícia Ahmaral regrava canção de Caetano para lembrar os 80 anos de nascimento do tropicalista Torquato Neto

No último sábado (9), o poeta, letrista e multiartista piauiense Torquato Neto (1944-1972) faria 80 anos. O autor recebe da cantora mineira Patrícia Ahmaral um homenagem simbólica com gravação e lançamento em single de “Cajuína”, canção que Caetano Veloso escreveu depois de uma visita do músico ao pai de Torquato, Heli da Rocha Nunes, alguns anos após a morte do poeta.

O projeto traz duas colabora-

ções especiais: produção musical de John Ulhoa e feat de Fernanda Takai, ambos do Pato Fu.

“Embora os versos de Cajuína retratem o momento do encontro de Caetano Veloso com o Sr. Heli, em Teresina, terra natal de Torquato, a letra nos conecta com a passagem breve e marcante de Torquato entre nós. E traz talvez uma metáfora da dualidade, a fragilidade e a força que marcaram sua vida: ‘... apenas a matéria vida era tão fina/’. Achei que seria uma homenagem bonita, na sequência do songbook



Marlon de Paula/Divulgação

Patrícia Ahmaral contou com a participação de Fernanda Takai na faixa

que lancei em 2023 com as suas parcerias e na perspectiva do octogênio”, diz Patrícia.

Estudiosa da obra de Torquato, a cantora lançou entre 2022 e 2023

dois álbuns reunindo as principais criações do poeta num só trabalho. Como Torquato não cantava, suas canções foram diluídas em álbuns de seus colegas de Tropicália como Caetano, Gilberto Gil e Gal Costa (1945-2022).

Além de assinar a produção

musical do single, John Ulhoa executa todos os instrumentos. O arranjo traz uma atmosfera poética, delicada e dramática ao mesmo tempo, no diálogo entre instrumentos tocados e efeitos eletrônicos, sem abrir mão das belezas melódica e harmônica originais da canção. Com dois especiais instrumentais incluídos, a letra da música é cantada duas vezes, uma por Patrícia e outra por Fernanda Takai. Ao final da música, elas dialogam com palavras chave do poema.

“A colaboração do John e da Fernanda na faixa é cheia de sentidos muito simbólicos pra mim”, explica Patrícia. “São dois artistas da minha geração que admiro demais, e que são ligados aos territórios mais inventivos da cena! E isso tem tudo a ver com Torquato Neto. Tanto John, na produção, quanto Fernanda, cantando, deslocam e criam um contexto muito especial para a canção. Sem falar que foi uma honra pra mim, tê-los junto no projeto”, festeja a cantora.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Piano na montanha

Um piano no alto de uma montanha com o pôr do sol de Minas de fundo. Essa imagem marca o novo clipe do pianista e compositor radicado em Juiz de Fora Guilherme Veroneze. “Entremares” é a faixa que dará título ao álbum previsto para o fim do mês e o primeiro de sua discografia após alguns singles e EPs. Ela foi inspirada pela paisagem mineira e é um resumo das intenções e estéticas do álbum. “Cada faixa do álbum é inspirada na minha ligação com a natureza e as sensações de se estar em meio a ela”, explica o músico.

Divulgação



Karla Alvaide/Divulgação



Mensagem de paz

Rafyah apresenta o single, “Por Ti”, em parceria com o haitiano Rebel Layonn. A faixa marca um passo importante na trajetória do músico dentro da cena reggae. A música traz uma mensagem de fé, gratidão e força, voltada para Jah (Deus) e a espiritualidade Rastafári. Segundo Rafyah, a canção explora a busca por sabedoria e amor para superar os desafios da vida. “O mais legal da música pra mim é que ela tanto pode ser voltada para o Pai Celestial (Deus) ou para seu pai biológico, pois ambas as conotações dão sentido à reconexão que você tem com a criação”, diz Rafyah.

Divulgação



Laços com o Brasil

Etnomusicóloga e violonista, a cantora e compositora ítalo-venezuelana Manu Napolitano reforça os laços com o Brasil com o single “Dançar”, versão em português de sua “Ballare” e com participação da poeta Laura Conceição e produção musical de Angélica Duarte. Guiado pelo movimento e pela dança, o vídeo da canção foi feito em lugares marcantes do Rio e com mulheres de todas as idades. Lançada em 2021, “Ballare” tornou-se um hino para movimentos feministas, trans e LGBTQ+ na Itália, sendo usada em protestos contra leis discriminatórias.

Sessão cinéfila da TV aberta celebra os 65 anos do supergrupo mais incorreto das HQs, o Esquadrão Suicida, que brilha nas bancas em HQs da Panini

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Lá se vão 65 anos da criação do primeiro supergrupo das HQs de ex-vilões que se habitam a fazer justiça, o Esquadrão Suicida, que vai ganhar a vitrina cinéfila mais nobre da TV aberta no Brasil, a “Tela Quente”, da Globo, na noite desta segunda-feira (11).

Às 22h35, a emissora exibe “The Suicid Squad” (2021), uma joia pop lapidada por James Gunn, que custou US\$ 185 milhões mas só arrecadou US\$ 168 milhões. A pandemia atropelou o longa-metragem sem pena, mas não impediu que ele tivesse uma carreira luminosa na antiga HBO, hoje Max, e alimentasse uma leva de bons quadrinhos.

Surgida nas páginas de “The Brave and the Bold” nº 25, em setembro de 1959, e reinventada por John Ostrander, em 1987, a equipe de “bichos soltos” reformados mobiliza bancas e livrarias brasileiras hoje graças ao empenho da Panini Comics. A pedida do momento em seu acervo é o especial “Destroí o Arkham”, ambientado em Gotham City.

Além de ter lançado o álbum de luxo “Chamas”, a Panini retoma sagas clássicas do Esquadrão em encadernados como “Conspiração Janus”. Os personagens aparecem ainda em “Força Tarefa



Globo transmite esta noite a aventura cinematográfica de 2021 do incorreto time da DC Comics

‘Tela Quente’ sem falsas bondades

Z”, incluindo o anti-herói Capuz Vermelho em suas fileiras.

Essa seleção de historietas ganha outro especial depois que a gente assiste a visão autoral de Gunn para essa linhagem bastante incorreta de vigilantes. Sylvester Stallone participa do longa-metragem, só com a voz, no papel do Tubarão-Rei, entidade marinha carnívora. O tom é de galhofa, mas há litros de adrenalina ao longo da frenética narrativa.

Houve um “Esquadrão Suicida” antes, em 2016, pilotado por David Ayer. Mesmo tendo sido trucidada pela crítica e rejeitada por parte do público, a produção de 175 milhões dólares faturou

746 milhões de dólares e fez a Harley Quinn de Margot Robbie se transformar num objeto de culto. Seu regresso veio depois de “Aves de Rapina” (2020), malfadado derivado com a mesma atriz.

Num esforço de resposta ao sucesso de “Guardiões da Galáxia” (2014), da Marvel, no qual um supergrupo classe B atingiu a fama, tornando-se um filme de grande sucesso, a Warner Bros. adotou o Esquadrão como sendo a sua munição mais abusada. E investiu num filme mais dark e irônico, com heróis sem moral. O problema é que surgiu uma pedra no meio do caminho: “Deadpool” (2016), uma comédia genial, de

sucesso comercial para além de qualquer expectativa, tendo um mascarado ligado (indiretamente) aos X-Men como protagonista. A questão é que “Deadpool” nasceu para ser sarcasmo, sem nunca se levar a sério. O “Suicide Squad” de Gunn veio atrás dessa mesma levada louca.

A arena geográfica onde se passa a atração da Rede Globo desta segunda se chama Corto Maltese, em referência ao país fictício criado por Frank Miller – e depois citado em “Batman”, de Tim Burton, de 1989 – assim batizado em tributo ao marinheiro cigano criado nas graphic novels de Hugo Pratt. Embora o povo de lá saiba

lutar sozinho, liderados por uma militante vivida por Alice Braga, eles não dão conta dos exércitos inimigos e, ainda menos do monstro em forma de estrela marinha (porém, vinda do espaço e chamada Starro). Só reforços com poderes e com armas letais pode ajudá-los. Eis que o Esquadrão Suicida é acionado, mas não por pena deles ou por um gesto altruísta, mas, sim, pelo fato de a criatura significar perigo para o mundo.

Três combatentes do Mal (nada bonzinhos) se destacam na missão ambientada em Corto Maltese: o Sanguinário, um assassino capaz de transformar tudo em arma, encarnado por Idris Elba; a domadora de ratos Ratcatcher 2 (a atriz portuguesa Daniel Melchior); e um patriota obsessivo capaz de matar em nome da paz, o Pacificador (Peacemaker), papel que rendeu a John Cena holofotes, elogios e um mar de fãs. Vale citar a presença de Viola Davis como a executiva impiedosa Amanda Waller (dublada aqui por Márcia Morelli). Na versão brasileira, o desempenho de Ronaldo Júlio dublando Elba é um primor.

CORREIO CULTURAL

Delícias do Brasil

para o mundo

Dezessete chefs brasileiros estão entre os melhores do mundo no The Best Chef Awards

OThe Best Chef Awards, premiação que elege os melhores chefs do mundo, anunciou a lista de sua 8ª edição. Entre os 550 chefs de 62 países premiados, estão 17 brasileiros. Os mais bem colocados no ranking são Alex Atala, à frente do D.O.M., restaurante paulistano com duas estrelas Michelin, e Manu Buffara, do curitibano Manu e sócia do bar Exímia, em São Paulo.

Neste ano, a premiação deixou de criar um ranking com os 100 melhores do mundo e passou a conferir de uma a três “facas” para cada um, sendo três facas nível mais alto - como se fossem estrelas Michelin. Atala e Buffara foram os únicos brasileiros reconhecidos com três facas, repetindo as melhores colocações como na edição do ano passado.

Ainda assim, o prêmio manteve um top três global de chefs. Rasmus Munk, do restaurante Alchemist, na Dinamarca, recebeu o posto de melhor do mundo. Em seguida, ficou Albert Adrià, do Enigma, na Espanha, e Eric Vilgaard, do Jordnær, também da Dinamarca.

Ivan Ralston, do Tuju, recebeu duas facas. Janaina Torres, do Bar da Dona Onça, e Jefferson Rueda, d'A Casa do Porco, também receberam duas facas.

O The Best Chef Awards é feito com base em uma votação feita por cerca de 500 jurados, como chefs e críticos gastronômicos. Veja a lista de chefs brasileiros com restaurantes no país abaixo e a lista completa no site thebestchefawards.com.

Divulgação



São Paulo receberá a primeira etapa do projeto

A arte que vai muito além dos espaços formais

A realização de exposições de arte urbana a céu aberto em todas as 27 capitais brasileiras, com foco nas periferias e áreas centrais degradadas. Este é o propósito do Circuito Arte não é Privilégio, iniciativa do Céu - Museu de Arte a Céu Aberto, criado pelo artista e produtor cultural Kleber Pagu.

Nesta primeira fase do pro-

jeto - fomentado pela Bolsa Funarte de Artes Visuais Marcantonio Vilaça e que será realizada entre os dias 19 e 23 de novembro - São Paulo receberá os articuladores culturais de outras capitais para residências artísticas e imersões. A programação prevê ainda vivências em espaços culturais e visitas a instituições parcerias.

Adesão

Mais de 20 restaurantes já confirmaram participação no Festival Gastronomia do Mar 2024, entre 23/11 a 7/12. O evento promete movimentar a cadeia produtiva, da rede de pesca ao prato. São pratos exclusivos, chefs de renome e aulas livres na rua.

Exemplo

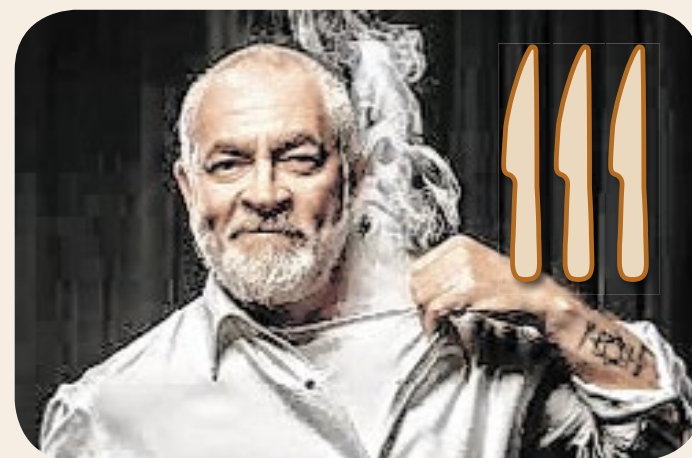
Rosalía viajou até Valência (Espanha) para ajudar as vítimas da enchente, que devastou a região no final de outubro. A cantora é uma das voluntárias da ONG World Central Kitchen, que vem ajudando na reconstrução da cidade.

Adaptação

Um dos romances da escritora Carla Madeira, uma das romancistas mais vendidas do Brasil, vai ser adaptado para o streaming, com Gabriel Leone como protagonista. “Véspera” vai ser dividido em oito episódios e será lançado pela Max.

Exemplo II

Apesar de não compartilhar em suas redes a presença na cidade, ela é reconhecida pelos locais e os registros viralizam. Além da distribuição de mantimentos, a cantora dirige caminhões e auxilia nos trabalhos de limpeza das casas atingidas.



Manu Buffara e Alex Atala foram os chefs brasileiros mais bem pontuados na relação com 550 nomes de 62 países



TRÊS FACAS |||

Alex Atala - D.O.M (São Paulo)
Manu Buffara - Manu (Curitiba)

DUAS FACAS ||

Alberto Landgraf - Oteque (Rio de Janeiro)
Fabrício Lemos e Lisiane Arouca - Origem (Salvador)
Ivan Ralston - Tuju (São Paulo)
Janaina Torres - Bar da Dona Onça (São Paulo)
Jefferson Rueda - A Casa do Porco (São Paulo)
Rafa Costa e Silva - Lasai (Rio de Janeiro)

UMA FACAS |

Dante e Kafe Bassi - Manga (Salvador)
Felipe Bronze - Oro (Rio de Janeiro)
Geronimo Athuel - Ocyá (Rio de Janeiro)
Helena Rizzo - Maní (São Paulo)
Kazuo Harada - Kazuo (São Paulo)
Luiz Filipe Souza - Ewvai (São Paulo)
Tássia Magalhães - Nelita (São Paulo)

CRÍTICA / RESTAURANTE / FUEGO MARAMBAIA

Renato Wrobel/Divulgação

De todos os fogos, Paula Labaki

Por Cláudia Chaves Especial para o Correio da Manhã

Há um elemento que nos traz todos os tipos de sentimentos: calor, aconchego, paixão, amigos, festa. O fogo é um iluminador. Misterioso, às vezes, indomável, mas que respeita aqueles que são capazes de domá-los. O fogo sempre esteve presente na vida da chef Paula Labaki, criada em fazenda traz hoje para o restaurante que comanda uma entrega magnífica no Fuegos da Fazenda Marambaia

À primeira vista tudo parece muito simples. Grandes mesas de madeiras, vista que se perde na beleza e serenidade das montanhas. Lindas louças, atendimento presente com a necessária discrição, eficiência, gentileza natural. Chegamos mais cedo que o grupo o que nos deu oportunidade de conhecer cada cantinho, ver o fogo dos legumes, olhar as vitrines com as carnes. Tudo com Jean nos guiando com paciência e muita paixão pelo que faz.



O fogo de chão é destaque da casa

Vieram as empanadas que dá de 1000 a zero nas argentinas. Pequenas com a casquinha crocante e dourada, o recheio das cebolas perfeitamente caramelizadas, com o ótimo gorgonzola. A sucessão de pequenas maravilhas nos preparou, com certeza, para o que viria. Bolinhas de costela, crocantes por fora e com a maciez carne suculenta, com o molho de pimenta da casa. Batatinhas fritas com parmesão e trufas, linguças fritas. Há que se rezar para a moderação imperiosa, pois ainda teríamos o principal.

Os cortes das carnes, chorizo, denver no ponto perfeito do mal-passado e o frango suculento com a pele tostada foram acompanhados de uma extraordinária couve-flor na brasa, o mix de legumes que ficam no varal enquanto vão lentamente aassando no fogo de chão, o melhor arroz biro biro (bacon, ovos mexidos e batata palha) que provamos até hoje, a farofa de ovos e cebolas. A sobremesa de panqueca de doce de leite e o abacaxi na brasa foram a finalização digestiva por um lado e o doce que só completa. A única reclamação possível foi lamentar que não poderíamos mais do que já tínhamos comido. Por isso, volveremos a Paula. Arriba!

SERVIÇO

FUEGO MARAMBAIA

Rua Dr. Agostinho Goulão, 2000 - Corrêas, Petrópolis

Quartas (12h às 21h30), quintas (12h às 16h e 18h30 às 23h), sábados (12h às 23h) e domingos (12h às 18h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Nami, 10 anos

Nesta terça (12), a partir das 18h, tm comemoração dos 10 anos do Nami, localizado no Porto da Barra, em Búzios. Os irmãos João e Luiz Yoshida convidaram os chefs que participaram das edições anteriores - Victoria Teles, Félix Sanchez, Fábio Mendoza e Rodrigo Tristão - vão se juntar a outros chefs - Gustavo Rinkevich e Bruno Katz - e aos bartenders Juan Lopez, Ygor Portal, Regis Medeiro e Sebastian Alarcon - para oferecer um Menu especial volante. Cada Chef preparar algo para o Coquetel e os bartenders vão criar drinks especiais.

Divulgação



Divulgac?a?o



Black Peixoto Friday

Na Black Friday não são somente as lojas que oferecem promoções e descontos imperdíveis. Eles chegam também à mesa, como é o caso do restaurante Peixoto Sushi, onde o chef Williams Souza criou o Black Peixoto Friday, um mega combinado especial de 60 peças para compartilhar: variedades de sashimis, com 5 fatias de cada peixe salmão, atum e peixe branco; sushis com 4 peças de cada peixe: salmão, atum e peixe branco; o Joy especial, com 5 unidades; os makis com 8 shakemaki, 8 uramaki philadelphia, 8 negui toro e 4 salmon Skin. A R\$ 200

Toma?s Ve?lez/Divulgação



Feijoada by Nalu

Nalu By CDesign, dentro do CDesign Hotel, na praia do Recreio apresenta a tradicional feijoada aos sábados, das 12h às 16h. Com uma variedade de carnes salgadas como carne seca, lombinho suíno, linguça, paio, bacon, costela de porco para se combinar com as guarnições: torresmo, farofa, couve mineira e arroz branco. A abertura é com a Estação de Saladas e para fechar, uma Mesa de Sobremesas com opções deliciosas. Há petiscos, e acompanhamentos clássicos como mignon suíno, frango grelhado, salada e arroz branco, opção ideal para crianças.

Dando asas à criatividade



Janaina Tokitaka ilustra um livro e os outros trazem a arte dos ilustradores Talita Nozomi, Guilherme Petreca e Lincoln Marinho

Autora infantil Janaina Tokitaka lança quatro obras que mostram à criançada como lidar com questões que afetam suas brincadeiras

Autora infantil finalista do Prêmio Jabuti em edições anteriores, a escritora, roteirista e ilustradora Janaina Tokitaka está lançando quatro livros infantis que abordam situações extremas que parecem existir só para atrapalhar a brincadeira da criançada. Ela convidou ilustradores que admira para dar forma a três dos quatro títulos - um ela mesma quis ilustrar. Foi assim que nasceu esta coleção da Pallas Míni, selo infantojuvenil da Pallas Editora.

“Quero Brincar e Está Chovendo” foi escrito e ilustrado por Janaina Tokitaka;

“Quero Brincar e Está de Noite” traz ilustrações de Talita Nozomi; “Quero Brincar e Está Frio” ganhou o traço de Guilherme Petreca; e em “Quero Brincar e Está Quente” o autor dos desenhos é Lincoln Marinho.

“O processo de criação foi bem divertido. Todos fizeram um brainstorm do que era mais divertido de brincar quando crianças. E, claro, geograficamente, cada

um tinha uma lembrança do que era a melhor brincadeira de criança”, conta a editora Mariana Warth. “A ideia desta coleção é dar asas à criatividade infantil, com livros que mostram que não tem tempo ruim para quem usa a imaginação!”, completa.

Graciosos, todos ensinam como a criança deve estar preparada para ganhar o quintal em dias de chuva abundante, o maior sol, um frio de lascar ou no breu sem energia elé-

trica. E todos terminam com a mesma frase: “Mas eu ainda quero brincar”. Quem já não é mais criança sabe quantas vezes até chorou na hora de ir para cama, como se não pudesse esperar até o dia seguinte para continuar a farra com os amigos.

Obras de Janaina Tokitaka já receberam selos Cátedra Unesco de Literatura, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e foram incluídas no Clube de Leitura Objetivos no Desenvolvimento Sustentável da ONU. A autora acredita que a primeira infância merece narrativas de qualidade, tanto visuais quanto escritas.